



EDUCAÇÃO E TRADIÇÃO BANTU: PARADIGMAS TEÓRICOS E CIVILIZATÓRIOS NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES/AS

Francisco Danierbes De Sousa Santos¹
Ivan Costa Lima²

RESUMO

O trabalho objetiva produzir conhecimentos sistematizados sobre as origens do que tem se denominado sobre cultura negra no Brasil. O foco situa-se na compreensão da tradição bantu, em seus aspectos linguísticos, étnicos, culturais, filosóficos e religiosos. Estes povos foram a presença negra predominante nos primeiros séculos do escravismo criminoso, influenciando a língua portuguesa e as diferenças manifestações culturais negras na sociedade brasileira. A problemática a ser discutida se refere ao desconhecimento e a distorção, por parte da sociedade e da educação em especial, da importância dos povos Bantu no repertório cultural negro-africana como parte de uma filosofia coletiva rica e abrangente desde o continente africano. Assim, metodologicamente utiliza-se da pesquisa bibliográfica para constituir um acervo de estudos e pesquisa sobre a tradição Bantu, bem como do estudo de caso caracterizando um fenômeno pouco conhecido iluminando a compreensão dos educadores/as sobre conceitos e bases filosóficas sobre os Bantu. Pretende-se com o estudo dar novos significados a cultura negra no Brasil, ampliando a experiência educativa em torno das manifestações de cultura negra de tradição Bantu no rompimento de uma racionalidade ocidental ainda presente em nossa formação social.

Palavras-chave: Educação; Tradição Bantu; Língua Portuguesa; Práticas Pedagógicas.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Palmares - Instituto de Humanidades, Discente, profdanielbessantos@gmail.com¹
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Palmares - Instituto de Humanidades, Docente, dofonosc@gmail.com²



INTRODUÇÃO

No Brasil quando se discute cultura negra, muito provavelmente, se faz menção ao continente africano numa dimensão unidirecional, cuja principal referência seria a cultura nagô, a partir do culto aos orixás, como a principal preservação africana em terras brasileiras. Assim, observa-se a negação da importância cultural do segmento bantu na formação brasileira, contudo essa tradição “[...] pela anterioridade de sua presença e pelo número vultoso de sua entrada nos portos brasileiros por mais de 300 anos” (LOPES, 20021, p. 9), se constitui como conhecimento a ser considerado e estudado em diferentes práticas educativas. De tal forma, que se possa afirmar e enfrentar o preconceito e o desconhecimento desta dimensão ancestral, cuja influência na formação da civilização brasileira e nas Américas forjou estruturas culturais, econômicas e religiosas. A tradição bantu conforme situa Fourshey, Gonzales e Saidi (2019, p. 22) diz respeito a uma história abrangente, dentro e fora do continente africano, que remonta há pelos 3500 anos antes da era atual. Ao longo deste processo, em África houve toda uma interação entre diversas regiões e grupos que configuram os povos bantu no estabelecimento de comunidades em grande parte da chamada região Subsaariana, assim: “Sua história nos ensina a variedade de maneiras em que os povos criaram instituições sociais e materiais duradouras [...] as relações com forasteiros e as dinâmicas de poder estavam presentes e eram contestadas [...]”, em especial quando se fala dos reinados como o do Congo, Monomotapa e Zulu, que denota o processo civilizatório bantu dentro do continente. Cunha Jr (2010, p. 30) vai situar que a tradição bantu se organiza a partir de unidade na diversidade cultural, que apresentam valores sociais comuns, como: ancestralidade, a oralidade, o comunitarismo e a relação familiar e, em especial, pela concepção de ser humano composto do seu corpo físico e da sua inteligência viva. Esses elementos, portanto, se configuram como uma filosofia africana, trazida ao Brasil pelo escravismo criminoso, como pontua o referido autor, fazendo com que se coloquem como saberes ancestrais, cujo estudo pode contribuir em problematizar a dominação ocidental sobre as populações africanas e na diáspora. Neste sentido, a compreensão da estrutura filosófica que orienta a tradição bantu se coloca como contribuição, a demanda suscitada pela lei 10639, quando estabelece o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nos sistemas de ensino, visto que a educação para as relações étnico-raciais propõe um espaço de práticas de cidadania e respeito ao outro. Vislumbrar o impacto que essa base traz ao Brasil é auxiliar na compreensão de como, desde a época da invasão continental africana até os dias atuais, a cultura negra desenvolvida é atravessada de forma incontestável por esta tradição. De fato, a tarefa de ressignificar o reconhecimento das origens das tradições bantu como espaços de cultura, identidade e memória impulsionam para a afirmação de que estes povos são detentores de civilização e de produção intelectual. E, por consequência, questionar as formas como esta tradição foram subalternizadas, que levou a negação de suas formas de sociabilidade e estruturas que constituíram e que marcam grande parte das manifestações de matrizes africanas, que ainda são poucos explorados no campo da Educação e da formação de educadores/as sobre este tema. Assim, discutimos que ao longo da história da tradição bantu, observa-se elementos que constituem a vivência destes povos em torno da “[...] história dos espíritos ancestrais e territoriais [que] exemplifica a importância não apenas do Criador abstrato, mas também das relações que conectavam os reinos espiritual/etéreo e humano/temporal.” (FOURSHEY, GONZALES E SAIDI, 2019, p. 105), reforçando a importância dos ancestrais como energias intermediárias importantes contra os infortúnios da vida comunitária. Nesta direção, busca-se compreender que, nesta tradição, a existência é parte da vida coletiva; e que está atrelada a dinâmica filosófica e civilizatória que marcam valores sociais, como a crença em um Deus único, a palavra falada que qualificam sua existência no mundo (LOPES, 2021, p. 148).



METODOLOGIA

Para a execução da pesquisa foi realizado um planejamento para coordenar as ações de pesquisas bibliográficas, leituras e participação em eventos. Para atingir o objetivo de constituição de acervos, realizamos buscas na rede mundial de computadores, em especial o google, contendo os seguintes descritores: cultura bantu; cultura banto; candomblé de angola; civilização africana bantu; religiões banto. A partir disto, abrimos diferentes pastas para agregar os achados, contendo artigos, dissertações e teses, mapas e imagens sobre o conteúdo buscado. As publicações acadêmicas foram buscadas nas bibliotecas de algumas universidades, na página de periódicos da Capes. Na UNILAB, UFC e UECE buscamos conteúdos relacionados as religiões de matrizes africanas no Ceará que pudessem trazer debates sobre o candomblé de Angola. Foi localizado um único terreiro no Ceará, sendo que a publicação mais recente foi o Inventário dos povos e comunidades tradicionais de matrizes africanas no Ceará, de 2022, que traz informações significativas sobre a temática no estado. Também realizamos diferentes leituras para produzir os primeiros debates sobre a tradição bantu, a partir de textos e livros adquiridos e que constam na bibliografia. Assim, desenvolvemos artigos que se dividiram em discutir a tradição bantu começando no continente africano, a chegada no Brasil, algumas referências para a construção da cultura negra no Brasil, a partir desta tradição até chegar a constituição do candomblé de Angola, que sintetiza os conhecimentos acumulados pelos povos bantu no Brasil. Participamos de eventos acadêmicos que resultaram na publicação de um artigo em revista acadêmica. Consideramos que este trajeto contribua para a compreensão desta tradição no debate educacional, ampliando-se que este conhecimento influenciou diferentes manifestações da cultura negra no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como podemos observar, até este momento, a constituição do candomblé Angola segue uma importante rota de manifestações culturais africanas de base bantu, no processo histórico das religiões de matrizes africanas, que não poderá de fato ser aqui explorado. No entanto, reforça-se que o candomblé de Angola no Brasil vai se caracterizar como a manutenção de uma experiência religiosa bantu, ancorada na reverência a uma divindade única e suprema, mas conhecida como Nzambi ou Nzambiapungo, de onde emana toda a energia vital. Para intermediar as interações entre o ser supremo, os seres humanos, os ancestrais e os antepassados, tem-se as divindades mais conhecidas como Nkissi ou em português inquices, reforçando a dimensão ancestral encontrada no vértice da pirâmide vital, mencionada anteriormente. Desta forma, vinculado ao culto do ancestral emerge a expressão candomblé de caboclo, tradição bantu que reverencia os povos originários no Brasil, onde os indígenas são cultuados como ancestral encantado, os caboclos (MACHADO, 2015, p. 43), reforçando o diálogo que ampliou de forma significativa o respeito aos antepassados desta terra como entidades a serem cultuadas no Brasil. Muitos outros elementos poderiam ser agregados ainda, no entanto, compreendemos, que até este momento, procuramos problematizar o desconhecimento sobre as tradições bantu. Assim como, reforçar ser expressão de uma dinâmica histórica, social e cultural desta tradição e a configuração de um repertório fundamental para a consolidação da cultura negra no Brasil.

CONCLUSÕES



Indicamos ser fundamental para isso ampliar o conhecimento sobre suas dimensões ontológica, no sentido de reforçar sua importância em estudos e pesquisa sobre esta tradição, na tentativa de tirá-la do segundo plano, mas, enfatizar que estes povos marcaram profundamente o modo de ser e de viver dos brasileiros. Como tentamos demonstrar a cosmopercepção de base bantu tem um longo processo e atuou para dar base de constituição de religiões modernas, como a umbanda, assim como, demarca discussões ligadas a energia vital e aos ancestrais como parte de uma estrutura religiosa que informa diferentes maneiras na constituição do candomblé no Brasil. O conhecimento desses elementos, enquanto fundantes das religiões de matrizes africanas, pode trazer novas reflexões a respeito desta experiência religiosa. De fato, pretende-se, incentivar futuras investigações que privilegiem as diferentes apropriações dessa tradição, não como elemento de diluição das heranças africanas, mas como estratégias de sobrevivência, reatualização e transformação das tradições religiosas bantu no Brasil. Reforçamos que se trata de um debate inicial e sabemos das lacunas existentes sobre o tema. No entanto, é importante frisar que a tradição bantu atravessa de maneira incontestável as principais manifestações culturais brasileiras que vai do quilombo até as expressões musicais atravessando o falar português no Brasil. Elementos que ainda têm sido pouco explorados, no sentido de identificar que a cultura negra que estamos nos referindo esta demarcada por um processo civilizatório de longa duração, cuja fundação é BANTU!

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Professor Dr. Ivan Costa Lima pela sua orientação, parceria, dedicação, paciência e profissionalismo. A UNILAB e PIBIC, pois não esqueço o papel que a Universidade e o Programa teve ao longo de todo esse percurso e por isso agradeço os recursos e o apoio que sempre nos ofereceram.

REFERÊNCIAS

- CUNHA JR, Henrique. NTU: introdução ao pensamento filosófico bantu. In: Educação em debate.v. 1, n. 59, Fortaleza: UFC, 2010.
- FOURSHEY, Catherine; GONZALES, Rhonda; SAIDI, Chistine. África bantu de 3500 a.C até o presente. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
- LOPES, Nei. Bantos, malês e identidade negra. 4 ed. rev. e atual. - Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- MACHADO, Veridiana Silva. O cajuado de Lemba: o Tempo no candomblé de nação Angola. Dissertação - Mestrado em Ciências - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Ribeirão Preto, São Paulo, 2015.